

**Entrevista** Juan Toribio

PROFESSOR DO IESE E EX-DIRECTOR-EXECUTIVO DO FMI

“Devíamos ter mais confiança no FMI para evitar as crises”

“A austeridade trava a recuperação a curto prazo mas impede a catástrofe a médio/longo prazo”, defende Toribio

RUI NEVES

ruineves@negocios.pt

Em entrevista ao **Negócios**, o economista Juan Toribio considera que Portugal devia ter recorrido, logo no início da crise mundial, ao FMI, organismo onde exerceu o cargo de director-executivo nos anos 90. Professor na “business school” espanhola IESE, Toribio esteve na semana passada no Porto a convite da AESE – Escola de Direcção e Negócios.

Acha que a crise alterou a forma como olhamos para a ciência económica? Em quê?

Sim, pelo menos em dois aspectos. Em primeiro lugar, passámos a compreender que a economia global é muito mais vulnerável do que se pensava. Para trás fica uma boa parte do optimismo com o que se contemplava o futuro depois do colapso do comunismo e do fim da guerra fria. Em segundo lugar, descobrimos que o sistema financeiro necessita de muito mais atenção por parte dos supervisores e que estes, em muitos casos, deveriam ter uma dimensão internacional.

A saída da crise pode ser feita a várias velocidades na Europa, com um centro rápido e uma periferia lenta?

Sim, é possível, ainda que não seja necessário ser a única solução. Pensemos que nos Estados Unidos nem todos os Estados que o compõem têm a mesma estrutura económica ou progredem à mesma velocidade, ainda que uma Administração Federal se encarregue de diminuir os desequilíbrios. Na Europa devemos, pela mesma razão, avançar para um sistema de governo federal, pelo menos no âmbito económico.

Quais são as soluções disponíveis para dar um “big push” às economias menos competitivas?

As economias periféricas da União Europeia necessitam de aplicar reformas estruturais sérias em diferentes âmbitos: laboral, fiscal, educativo, etc. Trata-se na realidade de reformas que deviam ter sido introduzidas nestes países antes de se terem integrado na Zona Euro. Desde do princípio, sabia-se que a Europa não era uma área monetária

ótima, pelo que, talvez se deveriam ter verificado essas reformas antes da sua constituição.

A austeridade reforça a recessão ou previne-a?

Pensemos que quaisquer que sejam, a curto prazo, os custos sociais da austeridade, maiores seriam os inconvenientes que se sofreria se tivesse continuado a aumentar a despesa agregada. Ao fim e ao cabo, a austeridade trava a recuperação a curto prazo, mas impede a catástrofe a médio/longo prazo.

Que estratégias ao nível da gestão podem ser alinhavadas para, ao nível empresarial, combater um cenário de quebra global de procura?

A economia global está a experimentar uma recuperação muito vigorosa ainda que seja desigual do ponto de vista económico. Sob este ponto de vista, a estratégia adequada para as empresas de países em recessão consiste em internacionalizar-se o mais rapidamente possível, para realizar investimentos nas zonas de maior dinamismo. Foi assim que fizeram, por exemplo, muitas empresas japonesas durante os 14 anos de estagnação na economia do seu país. Vivemos num mundo global cheio de oportunidades e o que é importante é identificá-las.

Que empresas e sectores sairão da crise mais fortes?

Sairão mais fortes da crise aqueles que souberem adaptar-se melhor tanto do ponto de vista da redução de custos como do da descoberta de novos produtos e mercados. Para Portugal e Espanha, é possível que o sector turístico registre um crescimento significativo nos próximos meses, dada a recuperação dos países da Europa Central e o efeito de substituição associado aos conflitos do Norte de África.

E mais fracas?

Pode-se pensar que os sectores da construção, tanto imobiliária como de obras públicas, têm à sua frente meses, ou mesmo anos, de dificuldades. No primeiro caso (imobiliárias), pelos excessos cometidos em anos anteriores; nas obras públicas, pelas reduções obrigatórias

Passámos a compreender que a economia é muito mais vulnerável do que se pensava.

Portugal e outros países periféricos da Europa deviam ter recorrido ao FMI desde o começo da crise.

nos orçamentos dos governos centrais e regionais.

Como vê a actual situação de Portugal, com a ameaça de insolvência e de instabilidade política?

Portugal está a viver um momento delicado, em que parece imprescindível tomar medidas que voltem a equilibrar a sua economia para possibilitar depois um incremento sustentável da sua capacidade de crescimento. Não faltarão a Portugal as ajudas imprescindíveis pela parte dos seus parceiros europeus e dos organismos multilaterais.

Foi director-executivo do FMI nos anos 90. Acha que Portugal já devia ter sido intervencionado?

Talvez Portugal e outros países periféricos da Europa devêssem ter recorrido ao FMI desde o começo da crise. Possivelmente isto teria evitado que se estivesse a viver uma situação tão crítica como a actual. Na minha opinião deveríamos ter mais confiança na capacidade dos organismos multilaterais, como o FMI, para evitar as crises e fazer frente às suas consequências.

**PERFIL**

UM EX-FMI QUE ACELERA NO “ECONOMIA A FUNDO” DA CNN

Doutorado em Economia pela Universidade de Chicago, licenciou-se em Economia pela de Barcelona e é graduado pela “School of Business Administration” da Universidade de Harvard. Conceituado economista e professor da “business school” espanhola IESE, Juan Toribio possui uma longa experiência profissional nos sectores público e privado. Começou a sua carreira na esfera pública, como economista no Banco de Espanha, em 1970. Depois, entre 1977 e 1979, foi director-geral de política financeira do Ministério da

Economia. E de 1996 a 1998 foi director-executivo do FMI. No sector privado, foi administrador de empresas, como a Nestlé, a La Caixa, a CaixaBank Mónaco ou a Abertis Telecom. Actualmente, integra a administração de algumas empresas, como a Amper e o Clube de ITM, e participa, uma vez por semana, no programa da CNN “Economia a fundo”. É autor de obras como “Globalização, Desenvolvimento e Pobreza” (2003) e “O Sistema Financeiro Espanhol: O Seu Funcionamento e Reforma” (1986).